

RELATO DE EXPERIÊNCIA: minha história pessoal e profissional por meio das estações do ano

FIORENTIN, Daniela¹
PENHA, Maranei Rohers²
PAULA, Jania Maria de ³

RESUMO: O relato de experiência tem como objetivo explorar uma trajetória pessoal e profissional docente, relacionando-a com as estações do ano. As transformações e desafios da vida acadêmica e da docência são analisados sob a perspectiva sazonal, permitindo compreender como cada fase contribuiu para a construção do conhecimento e do amadurecimento profissional. A metodologia utilizada baseia-se na abordagem autobiográfica de Nóvoa (1988), estruturando o relato de experiência a partir de analogias entre estações do ano e os momentos significativos da trajetória de vida pessoal e docente. As vivências da infância, a experiência como professora de Geografia é narrada destacando momentos de aprendizado, desafios e conquistas ao longo da formação e carreira docente. Considera-se que a primavera representa começos e descobertas, o verão simboliza realizações e plenitude, o outono é um período de reflexão e o inverno, de desafios e amadurecimento. A narrativa também explora a influência das migrações familiares e a adaptação a diferentes contextos geográficos e educacionais. Os resultados demonstram que o caminho profissional é caracterizado por um percurso repleto de desafios e conquistas e as experiências vividas em diferentes épocas e locais contribuíram para o amadurecimento e a compreensão mais profunda da docência.

PALAVRAS-CHAVE: trajetória pessoal; docência; autobiografia; geografia; sazonal.

ABSTRACT: The experience report aims to explore a teaching career, relating it to the seasons of the year. The transformations and challenges of academic life and teaching are analyzed from a seasonal perspective, allowing us to understand how each phase contributed to the construction of knowledge and professional maturity. The methodology used is based on Nóvoa's (1988) autobiographical approach, structuring the experience report based on analogies between seasons of the year and significant moments in the personal and teaching life trajectory. The experience as a Geography teacher is narrated, highlighting moments of learning, challenges and achievements throughout the training and teaching career. Spring is considered to represent beginnings and discoveries, summer symbolizes achievements and fulfillment, autumn is a period of reflection and winter, of challenges and maturity. The narrative also explores the influence of family migrations and adaptation to different geographic

¹Mestranda em Ensino de Geografia pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional, IFRO, Campus Cacoal, danielaflorientingeo@gmail.com.

²Professora/ Orientadora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional, IFRO, Campus Porto Velho- Calama, e-mail maranei.rohers@ifro.edu.br

³Professora/ Orientadora do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional, IFRO, Campus Ji-Paraná, e-mail janiamaria@ifro.edu.br.

and educational contexts. The results demonstrate that the professional path is characterized by a path full of challenges and achievements, and the experiences lived in different times and places contributed to the maturity and deeper understanding of teaching.

KEYWORDS: personal trajectory; teaching; autobiography; geography; seasonal.

1 INTRODUÇÃO

Perceber a passagem do tempo por meio das estações do ano sempre me chamou atenção, é algo de que realmente gosto, principalmente depois que me tornei professora de Geografia, sendo assim, não foi difícil tomar a decisão de escrever meu relato de experiência – uma atividade proposta na disciplina de Epistemologia do Ensino da Geografia do PROFGEO, Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional – fazendo analogia com as estações do ano.

A natureza cíclica nos permite a comparação da nossa jornada de vida com a sazonalidade. Observar a passagem do tempo por meio dela, nos faz perceber a importância de cada estação, ou então, em comparação, de cada período da nossa vida. Os ciclos naturais intuem uma existência perene, dão o sentido de permanência, de continuidade, nos proporcionam estabilidade, nos ajudam a compreender o mundo, e a construir nossa história.

Neste momento, expresso a forma como entendo a sazonalidade, e como a relaciono com as fases da vida. Para mim, a primavera representa o início, é compatível à infância, a primeira identidade, ou então, ao começo de um novo caminho, aos ciclos que se iniciaram na minha jornada. Ela marca a passagem do frio para o calor, para a luz, onde o respirar parece ser mais leve. A frutificação ocorre no verão, ponto máximo da energia solar, este período se relaciona com a primeira idade adulta, é um tempo produtivo, e por ser minha estação favorita, a associo com a fase em que concretizei metas, em que a docência ganhou mais consistência. O cair das luzes e das folhas no outono revela o momento de introspecção, silêncio, avaliação, e constituiu períodos reflexivos de minha vida. No inverno, tempo de hibernar, a natureza parece estar adormecida, os dias cinzentos e frios fazem as pessoas ficarem mais recolhidas. Essa sempre foi a estação da qual menos gostei, as noites longas e frias representam os desafios, problemas e obstáculos que tive que enfrentar. Ainda que o inverno esteja associado à fase do declínio físico, ele estampa, conhecimento, sabedoria, e traz a esperança de que a primavera estará logo ali, de que as

dificuldades nos fizeram resistir para receber um novo ciclo, portanto, ele é sem dúvida, um período de renovação.

Sopra, sopra minuano nas coxilhas e canhadas
Vai gelando a esperança de tantas almas penadas.
O minuano é vento frio, gela tudo de repente
Mas a primavera vem florescendo novamente
E natureza em voz é um jardim de ilusão
Onde as flores se misturam alegrando a solidão. (Os Bertussi, 1972)

No lugar onde cresci, a primavera representou alegrias, em outubro, os relógios eram adiantados em uma hora, o antigo horário de verão, era o período em que o dia começava a ficar mais longo, chegar da escola e ir brincar sentindo o cheiro dos pessegueiros com frutos quase maduros, era um deleite. O aroma da primavera é algo deliciosamente memorável. Os dias longos dos verões eram marcados pelas brincadeiras com meus primos, somadas à presença de cigarras e de vaga-lumes, nos dezembros tínhamos as festas de família. O cinza aparecia no Outono, lembro de contemplar os dois pés de nozes pecan, na frente de minha casa, do vento frio movimentar seus galhos e das folhas caírem no chão, a luz do verão parecia ter mesmo ido embora. As noites longas chegariam no mês de junho, e tudo parecia estar adormecido, os dias eram mais cinzentos e o frio nos impelia a ficar mais recolhido. Eu não gostava muito da chegada do inverno, mas só hoje com a maturidade entendo que ele é a força necessária que o ser humano precisa para se fortalecer, se renovar.

Apesar da principal característica climática brasileira ser a tropicalidade, ter crescido em estados de clima subtropical, me fez estabelecer vínculo afetivo com as estações. Nasci em Dois Vizinhos, município do sudoeste do Paraná, e por ser descendente de migrantes gaúchos, acabei vivendo boa parte de minha vida também no estado do Rio Grande do Sul, em cidades de fronteira com Santa Catarina. As migrações caracterizam a história de toda minha família, desde os meus antepassados até meus pais, e as idas e vindas entre esses dois estados marcaram minha infância e a minha juventude. Palavras como minuano, inverno, verão, e frases como, “os dias estão mais curtos agora”, “tem que se preparar pro inverno”, “bah, mas que frio”, “ com esse horário de verão, o dia não termina mais”, “tem ‘rabo de galo’ no céu, vai chover”, sublinhavam o cotidiano do sulista, sempre atento aos ciclos da natureza.

Quando venta o minuano lá no Rio Grande do Sul,
Carrega as nuvens cinzentas, deixando o céu mais azul
Dois, três dias o vento pára
Cai a noite o frio se abrande
Branco de geada amanhece os campos do meu Rio Grande
Quem é magro treme o queijo, oigalê vento tirano
Só quem tem chinoca gorda resiste firme o minuano (Teixeirinha, 1968)

Sou filha de agricultores familiares, nascidos no interior do Paraná, descendentes de migrantes gaúchos. Embora a agricultura familiar seja, uma atividade muito importante, ela não tinha seu devido reconhecimento, sendo assim, as dificuldades impostas pela modernização da agricultura nos impeliram, por diversas vezes, a sair do Paraná e migrar para cidades do estado do Rio Grande do Sul.

E se tivesse que pegar na enxada
Queria ver-te mocinho moderno
Pegar no coice de um arado nove
E um machado pra cortar o cerno
E enfrentar doze horas de Sol
Num verão forte tu suavas o terno
Tirar o leite, arrancar mandioca
No mês de julho no forte do inverno
Tuas mãozinhas finas delicadas
Criava calo e virava um inferno (Teixeirinha, 1968)

Com o passar do tempo formei minha família, me casei com um paranaense, que eu conhecia desde criança, também filho de agricultores, de uma família vizinha a nossa. Porém, por motivação profissional, decidimos construir nossa trajetória em outro estado, e escolhemos Rondônia. Nosso filho, que na ocasião ainda era bebê, não conheceria as estações da mesma forma que os pais, pois cresceria num estado marcado por estações amazônicas.

Em Rondônia, permanecemos até os dias de hoje aqui que é também o lugar de meus conterrâneos e de tantos outros povos, povos estes que contribuíram com minha formação e com meu caminho na docência.

[...] Hoje, sabemos que Rondônia é o resultado da fervura do “caldeirão” agitado que foi a sua colonização e ocupação. Aqui há a fusão e a metamorfose, a união e a separação, o híbrido e o sincrético que faz esse povo diferente e singular [...]. (Amaral, 2012, p 103, Online).

O intuito aqui é discorrer sobre minha trajetória enquanto professora, que acredito ter iniciado, desde muito cedo, quando era criança. Tal trajetória foi marcada por primaveras, verões, outonos e invernos, as vivências, os erros e acertos de cada estação me possibilitaram, indubitavelmente, escrever minha história.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada segue a abordagem autobiográfica, em que, “narrativas (auto)biográficas são úteis para avaliar a repercussão das experiências de vida e da formação nas práticas profissionais” (Santos e Garms, p.4100, 2014).

Nóvoa (1988) argumenta que a construção da identidade profissional passa pelo relato e reflexão sobre a própria trajetória de vida onde as histórias não são apenas relatos pessoais, mas ferramentas pedagógicas fundamentais para a formação, permitindo que os indivíduos compreendam melhor o seu percurso e suas experiências.

Este trabalho configura-se como um relato de experiência, desenvolvido como parte das atividades da disciplina de Epistemologia do Ensino da Geografia, oferecida pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) no âmbito do PROFGEO – Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional. Essa disciplina foi ministrada pelas professoras supracitadas como coautoras.

A narrativa foi organizada considerando aspectos pessoais, acadêmicos e profissionais, buscando conectar experiências individuais, vivenciadas em diferentes lugares, com o ensino da Geografia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Minha trajetória enquanto professora certamente não teve início na graduação, nem nos primeiros anos da vida escolar, quando se admira as primeiras professoras, nem nos anos subsequentes do ensino, aliás, fazendo a analogia com as estações do ano, estes períodos foram mais de outonos e invernos do que de primaveras e verões.

Sempre tive dificuldade de lidar com a escola, lembro-me do sofrimento, de sensações de medo e ansiedade quando se aproximava a hora de ir. Pensar que brincar de ser professora era uma das minhas brincadeiras favoritas pode parecer paradoxal.

Talvez meu caminho como docente tenha iniciado quando criança, pois para meus amigos eu realmente levava a sério a brincadeira de escolinha, lembro perfeitamente da minha amiga Renata dizer, “nossa, parece que a Dani dá aula de verdade, não sei, mas ela entra na brincadeira”. Quando brincava sozinha estava

sempre escrevendo em algum “quadro improvisado”, o “giz” era de carvão ou então de qualquer outro material que possibilitasse escrever em parede, gostava muito do gesso por dar efeito semelhante ao giz, quando quebrava algum objeto de decoração da minha casa ou da casa de algum familiar eu ficava feliz, teria assim um recurso didático por meses. Foi sempre brincando de ser professora que estudava para minhas provas, por diversas vezes explicava aquilo que na verdade estava tentando entender.

O percurso do Ensino Fundamental e também do Ensino Médio foi trilhado tanto no Paraná quanto no Rio Grande do Sul, praticamente eu estudava um ano em cada lugar, isso se justifica porque a família almejava por um lado manter a pequena propriedade agrícola (herança familiar) no interior de Dois Vizinhos/PR, e por outro buscava melhorar de vida em áreas urbanas. A cidade para qual mudávamos constantemente era Trindade do Sul/RS, onde um dos irmãos do meu pai residia com sua família. As transformações decorrentes da modernização agrícola, impunham dificuldades para viver no campo, isso nos impelia a tentar a vida na cidade, porém o vínculo afetivo ao nosso lugar de origem, nos motivava a voltar e a tentar novamente.

[...] entre 1970 e 2000, a inserção do Estado do Paraná no processo de modernização da agricultura, em que o agro se tornou subordinado ao industrial, impôs uma nova divisão social e territorial do trabalho ao Sudoeste paranaense, promovendo uma rápida e drástica diminuição populacional das áreas rurais, o que estimulou vigorosamente a urbanização e provocou a formação de imensas correntes emigratórias que transpuseram as fronteiras estaduais. (Mondardo, 2011, p.103, *online*)

Das lembranças do Ensino Fundamental, as mais recorrentes são as das aulas de História, gostava de elaborar atividades sugeridas pela professora, de contemplar as imagens de obras de arte nos livros didáticos, e de estudar para as avaliações e seminários, brincando de dar aula. Tenho vagas lembranças das aulas de Geografia, na 5ª série (atual 6º ano) lembro de pintar mapas, nas séries seguintes de ler um conteúdo qualquer e elaborar perguntas, na 8ª série (atual 9º ano) eu não gostava e não entendia a maioria daqueles assuntos, por exemplo, Leste Europeu, Desintegração da União Soviética (*Glasnost e Perestroika*), Desintegração da Iugoslávia, tais conteúdos não se conectavam ao meu cotidiano, e para mim aquela era de fato uma Geografia enfadonha. O primeiro ano do Ensino Médio, estudei no Rio Grande do Sul, lembro com carinho da minha professora de Geografia que dialogava muito comigo e era atenciosa com todos os alunos, isso instigava a

participar e estudar mais, então eu reservava as manhãs de domingo (período da semana em que consigo ser mais produtiva) para ler os conteúdos do livro didático. Essa etapa ficou para trás quando retornei ao Paraná a partir do 2º ano do Ensino Médio, nessa fase tenho lembranças de uma Geografia mais voltada à memorização, portanto, monótona, e sem muito sentido. Permanece também, nas minhas memórias, alguns dos professores e as muitas amizades que construí nesses dois estados, esses foram como veranicos ao abrandar o frio de um inverno que sublinhou os dois ciclos de ensino na minha vida.

A decisão de cursar Licenciatura em Geografia veio no final de 2004, eu estava concluindo o Ensino Médio, já era hora de fazer vestibular, mas na realidade, não sabia o que queria para meu futuro profissional. Por esta ser uma fase em que eu estava mais introspectiva, mais reflexiva, a associei com o outono. A sugestão veio do meu pai, “Daniela, você pode fazer Geografia, que é a mesma faculdade que seu primo fez, e pode ser professora como ele”. Depois de avaliar e aceitar a sugestão, acabei por ingressar, aos 16 anos, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no município de Francisco Beltrão/PR. Eu era jovem e imatura para ter certeza se era isso que eu queria, mas naquele momento, apenas aproveitei a oportunidade e segui em frente.

Embora as noites em Francisco Beltrão tenham sido, em sua grande maioria, muito frias, tanto de modo denotativo, consequência da Geografia do lugar, como também de forma conotativa pelas dificuldades financeiras enfrentadas naquela época, elas não representaram invernos, mas sim, primaveras e verões. Iniciei a Licenciatura em Geografia, no ano de 2005, o curso era noturno, com a duração de 4 anos. Como eu morava em outra cidade era cerca de uma hora para ir e outra para voltar, todos os dias.

Até hoje me lembro da primeira aula na Universidade, foi com a professora de Cartografia, ela sempre foi admirável, tinha uma concepção de educação voltada para um ensino de Geografia significativo.

A chave para distinguir o conhecimento base para o ensino está na interseção da matéria e da didática, na capacidade de um docente para transformar seu conhecimento da matéria em formas que sejam didaticamente impactantes e ainda assim adaptáveis à variedade que apresentam seus alunos quanto a habilidades e bagagens. (Cavalcanti, p.30)

O contato com a vida acadêmica me fez ver outro mundo, outras possibilidades. Admirava a grande maioria dos professores, e ainda os tenho carinhosamente em minha memória, eles me mostraram uma nova Geografia, diferente daquela voltada à memorização, conforme estudávamos na escola. Nem todos os professores tinham uma concepção voltada ao ensino dessa ciência na escola, mas seus saberes me fizeram gostar do curso.

Apesar das brincadeiras de criança de ser professora representarem minha primavera, o início da profissão foi marcado por um longo e rigoroso inverno. As folhas começaram a mudar de cor, e o período de transformação, avaliação e reflexão do outono, teve início já no estágio de formação, em 2008. Enfrentei dias de muitas dificuldades e dúvidas, ao ponto de minha orientadora dizer “calma, Daniela, você não precisa ser professora se não quiser”. A sensação de estar em uma sala de aula “em confronto”, em “embate” com os alunos marcou um longo período da minha carreira, e passaram muitos anos para eu entender que não precisava ser assim.

A estação inverno iniciou em 2011 quando me tornei oficialmente professora contratada em uma escola pequena, localizada no Distrito de Jardinópolis, no município de Castanheiras/RO. A escola tinha apenas 4 turmas, e por isso eu tinha vários componentes curriculares para fechar a carga horária, e 17 planejamentos por semana.

Dentre todas as dificuldades deste período a relação professor aluno, foi a maior, eu claramente não sabia como lidar com eles, atritos e embates eram frequentes, e os sentimentos de angústia, insegurança, ansiedade, frustrações marcaram esse inverno.

Devido ao grande número de disciplinas que eu precisava ensinar, enfrentava o problema de não dominar os saberes disciplinares, isto é, os conteúdos. Por exemplo, eu não sabia praticamente nada de Arte. Também encontrava dificuldade no próprio ensino da Geografia, que parecia ser muito diferente daquele da Universidade. As noites e os períodos em que eu não estava em sala de aula, eram dedicados a estudar e planejar aulas, a ponto de levar o livro didático para eventos sociais com amigos e familiares, pois eu precisava elaborar os 17 planejamentos semanais.

As escolas são os lugares por “excelência das práticas referentes à educação e ao processo de ensino. É em seu interior e em sua dinâmica cotidiana que os professores atuam profissionalmente. E, do ponto de vista desse “lugar da prática”, considera-se a teoria muito distante e produtora de uma visão

idealizada, utópica, não correspondente à realidade. Isso contribuiu, ao longo das últimas décadas, para reforçar a separação entre as duas instâncias e, muitas vezes, para dificultar a reflexão sobre a contribuição da teoria para decisões no cotidiano da escola. E como pensar de modo diferente? Como agir no sentido de superar essa separação? Como trabalhar para que a escola seja instância da prática e da teoria? (Cavalcanti, 2012, p. 89)

Ainda sem saber ao certo como propor uma Geografia voltada para a formação integral, tenho certeza de que cometi muitos erros ao longo do processo. Minha prática era caracterizada por métodos tradicionais de ensino, conhecidos como a reprodução de conteúdo, formalismos, verbalismos e a memorização. Embora quisesse adotar uma abordagem diferente, não conseguia encontrar a maneira de fazê-lo.

O segundo desafio é a formação mais centrada nas práticas e na análise das práticas. A formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer. É desesperante ver certos professores que têm genuinamente uma enorme vontade de fazer de outro modo e não sabem como. Têm o corpo e a cabeça cheios de teoria, de livros, de teses, de autores, mas não sabem como aquilo tudo se organiza numa prática coerente. Por isso, tenho defendido, há muitos anos, a necessidade de uma formação centrada nas práticas e na análise dessas práticas. (2007, Nóvoa p. 14 *apud* Cavalcanti 2012 p.24)

Apesar do rigoroso inverno, ele também trouxe seus momentos de veranicos. Comecei a entender e aprimorar, ainda que de modo incipiente, minha relação com os alunos. O dia a dia da sala de aula, as atividades de representação do lugar ao qual pertenciam, por meio de maquetes, as trilhas na mata próxima à escola, as aulas de campo no próprio distrito, as rodas de conversa e de leitura em um local arborizado (campo de futebol), ajudaram a estabelecer vínculo com os alunos. Essas experiências me permitiram compreender melhor suas identidades, suas relações de pertencimento com o lugar. Hoje, valorizo mais a importância de conhecer meus alunos — um ponto amplamente discutido pelos autores em educação — e concordo com Callai (2013), ao ver o lugar como uma possibilidade para aprender Geografia e ao ressaltar como o cotidiano revela a ligação de cada aluno com seu mundo.

O estudo do espaço vivido pelos alunos é uma abordagem que o professor pode adotar para transformar a Geografia de uma disciplina monótona focada apenas com a memorização, em uma ciência mais envolvente e significativa.

[...] a Geografia escolar deve desenvolver um pensamento espacial que se traduz em olhar o mundo para compreender a nossa história de vida. Este olhar o mundo diz da especificidade de nossa disciplina que tem o conceito

de espaço como foco primordial. O espaço é construído ao longo da vida das pessoas, diretamente por elas enquanto protagonistas, ou de forma passiva ao permitirem que os outros decidam a sua vida. (Callai, 2013, p. 17)

Os primeiros sinais de que um novo ciclo, ou de que primavera chegaria ocorreram quando precisei mudar para Rolim de Moura/RO, em 2013, ao assumir o cargo de Professora efetiva do Estado de Rondônia. Na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nilson Silva, descobri afinidade com o Ensino Médio e com a Educação de Jovens e Adultos. Através das experiências das práticas de sala de aula, foi possível estabelecer relações cognitivas afetivas com os jovens. Para Cavalcanti (2012), a formação de sujeitos jovens, entre 15 e 24 anos, tem formação relevante no destino da sociedade, os professores precisam considerar que eles serão a população adulta do país, nos próximos anos. Para a autora eles vivem o seu dia a dia na busca de identificação, baseados em sentimentos de pertencimento e de afeto nos grupos em que participam. E a reflexão sobre suas características ajuda o professor a se relacionar com cada aluno, como um sujeito único e portador de culturas.

Permaneci em Rolim de Moura até o final de 2013. No ano seguinte, por motivos profissionais do meu esposo, voltamos a morar no município de Castanheiras/RO. Nesse novo contexto, comecei a trabalhar, pela primeira vez, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisca Júlia da Silva. Lecionei, principalmente a Geografia, desde o 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, mas também a disciplina de História, em algumas turmas.

A esperança de renovação aconteceria alguns anos mais tarde quando mudei para o município de São Francisco do Guaporé/RO, no ano de 2016. O amadurecimento da minha prática pedagógica foi ganhando mais consistência, e as experiências na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Campos Sales, marcaram o período da primavera. Atividades de sala de aula, projetos, as aulas de campo, me fizeram ver a docência de um jeito diferente, poderia dizer, mais leve e feliz. Dentre todos os projetos desenvolvidos nesta escola gostaria de destacar um, que é a tradicional Feira das Regiões, onde o engajamento dos alunos e da comunidade escolar para desenvolvê-lo é, até os dias atuais, algo memorável. Ficou evidente, através de projetos desenvolvidos por mim e por outros professores, questões atitudinais, valores, criação de vínculos afetivos, e também relação de identidade e pertencimento com o lugar.

Para Callai (2013) os conteúdos atitudinais nos permitem trabalhar com diversos grupos e indivíduos da escola, e dessa maneira envolver aspectos afetivo e emocional, estes têm a ver com a construção da identidade e do pertencimento das pessoas, de modo que sejam capazes de respeitar e valorizar o lugar em que vivem.

Na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Campos Sales, tive a oportunidade de trabalhar mais com alunos do Ensino Médio, tanto na cidade quanto no campo. As turmas do campo ocupavam salas da Escola Municipal Neusa Bravin. Trabalhar no campo me possibilitou conhecer outros atores, com identidades rurais e estabelecer vínculo de afetividade com aqueles jovens.

O verão chegou em 2018, quando me mudei para o município de Cacoal/RO. Embora não tenha sido um verão quentinho e aconchegante pois ele apresentou, seus períodos de “friagem”. Ao chegar de São Francisco do Guaporé passei a trabalhar na antiga Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (atual Colégio Tiradentes da Polícia Militar do Estado de Rondônia). Enfrentei grandes desafios ao retornar a trabalhar com alunos da faixa etária em torno de 12 a 14 anos. A realidade da escola era muito diferente da anterior, e a adaptação foi difícil. Apesar disso, no decorrer do ano, consegui entender melhor quem eram os meus alunos, e suas realidades de vida, isso foi fundamental para estreitar o vínculo professor/aluno e desempenhar um trabalho mais consistente.

saber para quem vai ensinar - é importante que os professores conheçam teorias que lhes deem fundamentos para conhecer quem são os alunos, quais suas motivações, qual sua história e contexto de vida, sua identidade individual e coletiva, ou seja, ter referências psicológicas, para refletir sobre sua subjetividade humana, e sociológica, para entender os alunos como sujeitos sociais. (Cavalcanti, 2012, p.111)

No ano seguinte, em 2019, aceitei a oportunidade de mudar para a Escola Estadual de Ensino Médio Cora Coralina, onde leciono até hoje, devido à minha afinidade com alunos na faixa etária de 15 a 17 anos. Os desafios que enfrento nesta escola não são muito diferentes dos que vivenciei em outros lugares, mas, os saberes experienciais juntamente com a maturidade pessoal e profissional, me faz encará-los de uma forma mais leve. Para Tardif (2002), os *saberes experienciais*, compõem o campo dos saberes docentes, e são aqueles desenvolvidos com bases nas suas experiências práticas, nas suas histórias de vida, no seu cotidiano.

Os saberes experienciais, vindos do cotidiano, as rotinas de aulas, das diferentes situações vivenciadas com os alunos, das influências, da própria história de vida são fundamentais para compor o corpo de conhecimento profissional docente.

[...] compõem os saberes da experiência dos professores aqueles que eles constroem quando vivenciam a escola antes de se tornarem profissionais, quando ainda são alunos, ou como cidadãos que se orientam por representações sociais a respeito da escola e da prática de professores, e aqueles provenientes da prática no exercício profissional. (Cavalcanti, 2012, p.37)

Além dos saberes experienciais o exercício da profissão requer outros saberes. Para Tardif (2002), são eles: os *saberes disciplinares*, que correspondem aos diversos campos do conhecimento, tais como, História, Geografia, Matemática, dentre outros; *saberes pedagógicos*, destinados à formação de professores; *saberes experienciais*, que são aqueles desenvolvidos com bases nas suas experiências prática; *saberes curriculares* correspondentes aos discursos, métodos, objetivos e conteúdos estabelecidos pelos programas escolares.

Sabe-se da importância de buscar outros saberes, de investir em uma formação continuada e mais consistente. Assim, a oportunidade de realizar um mestrado surgiu no final de 2023. Em novembro, ao receber a notícia da abertura do processo seletivo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia campus de Cacoal, vislumbrei a possibilidade de iniciar um novo ciclo. No final daquele ano, comecei imaginar que o próximo seria marcado por mudanças significativas.

No ano seguinte, nós, “os doze”, apelido carinhoso dado à nossa turma de 12 alunos do mestrado –iniciamos uma nova jornada. Em 15 de março de 2024 tivemos nossa primeira aula, no Campus de Cacoal, e foi na disciplina de Epistemologia do Ensino da Geografia. Na manhã deste dia, pude sentir novamente as sensações de quando cursava a graduação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. A presença e a fala de outros professores, que estavam na aula inaugural, ocorrida no mesmo dia, reafirmaram as tais sensações. Nos sentimos acolhidos e prestigiados.

Ao escrever este relato, estou vivenciando mais uma primavera, é como um recomeço após um longo período longe da vida acadêmica. Minhas professoras de mestrado, conseguiram despertar a Geografia da Universidade que estava adormecida. Elas me fizeram recordar das boas sensações dos tempos de graduação e da admiração que sentia pelos professores. Elas são especiais não somente porque

são as primeiras professoras deste ciclo primaveril, mas também por nos acolherem desde o primeiro contato.

A experiência profissional relatada é caracterizada por um percurso repleto de desafios e conquistas. A infância e os primeiros contatos com o ensino são associados à primavera, simbolizando a descoberta e o encantamento pela educação. O verão representa o auge da carreira, quando a docência ganha mais consistência e significado. O outono, por sua vez, reflete os momentos de introspecção e reflexão sobre a prática pedagógica. Por fim, o inverno simboliza os desafios, as adversidades enfrentadas e o amadurecimento resultante dessas experiências.

As migrações familiares entre Paraná, Rio Grande do Sul e Rondônia também influenciaram significativamente essa trajetória, proporcionando diferentes perspectivas sobre a educação e a relação com os alunos. A adaptação a novos contextos geográficos e culturais contribuiu para uma compreensão mais ampla do ensino de Geografia e da importância do pertencimento e identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da trajetória profissional, as experiências vividas em diferentes épocas e locais contribuíram para o amadurecimento e a compreensão mais profunda da docência. A análise sazonal permite visualizar como cada fase desempenhou um papel essencial na formação da identidade profissional.

O ensino de Geografia, inicialmente percebido como um desafio, tornou-se uma paixão consolidada, reafirmando o compromisso com a educação e a transformação social por meio do conhecimento.

Entendo que as diferentes estações, ou seja, as experiências contribuíram para meu amadurecimento e para uma compreensão mais profunda da profissão. Hoje, vejo a docência com mais alegria, leveza e amor. Embora ainda represente um grande desafio, especialmente diante das constantes transformações do cenário educacional, a docência ocupa um lugar especial em meu coração. Como expressa o poeta espanhol Antonio Machado (1983): “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.” Assim, de estação em estação, a natureza nos presenteia, tal como na canção *Minuano*, de Os Bertussi (1972): “A primavera vem florescendo novamente.”

A natureza passa por diferentes fases e nós também passamos por ciclos de desafios, crescimento, renovação e reflexão. Entre primaveras, verões, outonos e

invernos, cada estação me permitiu compreender melhor a profissão e construir minha história.

Os invernos me trouxeram sabedoria, renovação, me fizeram entender que os obstáculos e desafios são forças necessárias para o ser humano. Períodos de introspecção e de reflexões outonais me trouxeram mais maturidade. Os verões me permitiram colher frutos, concretizar metas, encarar a sala de aula de um modo mais leve. Cada início e florescimento da primavera me revelou que, embora a docência tenha seus espinhos, também possui seus encantos, aromas e beleza.

A trajetória apresentada começou na infância, mas, é importante destacar que ela não tem um fim definido. Cada fase que é cíclica e cada caminho continuam trazendo novos desafios e mantendo sua dinamicidade constante.

Diante disso penso que agora é o momento de lançar mão de uma frase que gosto de usar nos discursos da cerimônia de formatura para meus alunos do terceiro ano do Ensino Médio. É uma frase que ouvi, certa vez, e que não me recordo exatamente de onde: “É sobre as escolhas, quais escolhas fazer, ‘prof’.? Não ouse trazer fórmulas, mas deixo um conselho: procurem em meio a tantas opiniões e conceitos externos, dentro de vocês, aquilo que faz o seu coração bater diferente. E sempre que surgir dúvidas, encruzilhadas, ou momentos de indecisão, escolha agir com amor.” Acredito, portanto, que minha decisão de continuar sendo professora é porque, sem dúvida essa profissão faz meu coração bater diferente.

5 AGRADECIMENTOS

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Rondônia – IFRO.

Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional – PROFGEO.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Nair. Processos migratórios em Rondônia e sua influência na língua e na cultura. *Linha d'Água*, n. 25 (1), p. 87-107, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37369/40090>. Acesso em: ago. 2024.

BERTUSSI, Adelar; BERTUSSI, Honeyde. *Minuano: Os Bertussi*. In: **Os cancioneiros das coxilhas**. Vol. II. Intérpretes: Adelar e Honeyde Bertussi. Gravadora: Chantecler Rosicler, 1972.



I CONGRESSO
AMAZÔNICO
DE PEDAGOGIA

IN CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional de Geografia: o Professor.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

CAVALCANTE, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: **SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS**, 1., 2010, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte, nov. 2010.

MACHADO, António. **Proverbios y cantares**. In: _____. *Poesías completas*. Madrid: Espasa-Calpe, 1983.

MINUANO: Os Bertussi. Adelar e Honeyde Bertussi *In Os cancioneiros das coxilhas Vol. II*. Gravadora: Chantecler Rosicler, 1972.

MONDARDO, M. L. A dinâmica migratória do Paraná: o caso da região Sudoeste ao longo do século XX. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/p5XChZGVrbBVxMbRXWxSp8q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: set. 2024.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.

SANTOS, Héllen Thaís dos; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: **CONGRESSO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 2.; CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 12.**, 2011, Águas de Lindóia. *Anais [...]*. São Paulo: UNESP; PROGRAD, 2014. p. 4094-4106. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141766>. Acesso em: mar. 2025.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 10 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

TEIXEIRINHA, Vítor Mateus. *O colono: Teixeira e Mery Terezinha*. In: **Dorme Angelita**. Intérpretes: Teixeira e Mery Terezinha. Gravadora: EMI Records Brasil Ltda, 1968.

TEIXEIRINHA, Vítor Mateus. *O vento minuano: Teixeira e Mery Terezinha*. In: **Dorme Angelita**. Intérpretes: Teixeira e Mery Terezinha. Gravadora: EMI Records Brasil Ltda, 1968.